O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.4009914

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

DIFICULDADES DE JOVENS SEM VÍNCULO FORMAL DE EMPREGO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LIMITES DO EMPREENDEDORISMO EM TEMPOS DE CRISE

Evelyn de Souza Lima[1]

Kamila Eulalio Abreu[2]

Resumo

O presente artigo visa analisar as condições de vida e trabalho de jovens sem vínculos formais de emprego desde o início da pandemia da Covid-19, já que a maioria dos que atuam em profissões informais ficaram repentinamente impossibilitadas continuar trabalhando. Essa análise foi construída com base no banco de dados "Juventude e suas perspectivas em momento da Covid-19", criado pelas próprias autoras. Para este artigo, consideramos somente as respostas de jovens sem vínculo empregatício.

Palavras chave: COVID-19; Juventude; Trabalho.

Abstract

This article aims to analyze the living and working conditions of young people without formal employment ties since the beginning of the Covid-19 pandemic due to most of those working in informal professions remained regretful and unable to work. This analysis has been built taking for reference the database "Youth and their perspectives at the time of Covid-19" created by the authors. For this article, it was considered only the responses from young people without a job.

Keywords: COVID-19; Youth; Work.

INTRODUÇÃO

No dia onze de março de 2020, o mundo recebia, por meio da Organização Mundial da Saúde (OMS), a notícia de que se instaurava uma Pandemia de um novo tipo de Coronavírus: o SARS-CoV-2. O vírus, que se iniciou na China, nessa época já se alastrava e causava danos na Europa e começava a causar impactos não só na saúde mundial, mas também nos espectros políticos, econômicos e sociais, como quedas no mercado financeiro e problemas com produtos essenciais durante a pandemia por serem fabricados na China (SENHORAS, 2020).

Devido ao tipo da doença – um vírus que se propaga principalmente pelo contato direto entre pessoas – quase todos os países se viram na necessidade de fazer quarentena e *lockdown*[3] para preservar a saúde e a vida da população. Porém, o isolamento social trouxe de imediato a questão econômica dos

[1] Graduada em Ciências Sociais e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail para contato: limaevelyn30@gmail.com

[2] Graduada em Ciências Sociais e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail para contato: kamila.eulalio@yahoo.com.br

[3] Palavra em inglês para bloqueio total, que consiste um protocolo de isolamento total de pessoas em uma região.

países, que já se encontra em profunda crise, com o mundo em estado de recessão global (REUTERS, 2020).

Uma das medidas tomadas de imediato em países europeus e posteriormente no Brasil foi o fechamento dos setores chamados não essenciais como comércio, setores culturais como cinemas e teatros, turismo, setores de esporte como academias, que permaneceram fechados até pouco tempo, o que contribuiu para o aumento do desemprego da população. Dados da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) mostram que em toda a América Latina a pobreza irá aumentar devido a Pandemia, aumentando em 30 milhões de pessoas. (GAMA NETO, 2020, p. 124).

No caso do Brasil, a Covid-19 chega num momento que o país já enfrentava uma crise econômica e um grande desemprego da população, juntamente com a informalidade crescente e falta de proteção social nos empregos, tudo indicando que a crise irá se agravar

> O país verá sua dívida pública sob a responsabilidade da União, estados e municípios saltar de 75.8 para um valor próximo a 90%, 24 em relação ao PIB. A taxa de desemprego, que estava antes da crise do covid-19 em 11 pontos, deverá ir para 14% numa economia em que 50% dos trabalhadores trabalham na informalidade. No caso brasileiro, a crise sanitária se confunde com uma crise política e outra econômica, o que torna a dinâmica das medidas contra a pandemia muito mais complicadas (GAMA NETO, 2020, p. 126).

Posto isso, o presente artigo visa compreender as situações de vida e trabalho de jovens que não possuíam vínculo empregatício nem trabalho fixo num momento que já é considerado um dos mais difíceis e desafiadores dessa geração: a pandemia do novo coronavírus. Como afirma Macedo *et al*. (2020, p. 2), a doença chamada de Covid-19 "sem dúvida nenhuma é o grande problema mundial e da atualidade no ano de 2020".

Para esse estudo, foram entrevistadas 130 pessoas de 15 a 29 anos, que é a faixa etária legalmente definida como juventude no Brasil[4]. O interesse pela situação de trabalho juvenil não é algo recente no país, pois pesquisas apontam que a taxa de desemprego entre jovens é até três vezes maior do que para o restante da população brasileira. Além disso, as mudanças tecnológicas que mudaram e mudam o mundo do trabalho têm afetado principalmente esse grupo social (FERREIRA, 2020).

Embora mais escolarizados do que seus pais e do que a geração jovem anterior, a juventude contemporânea se depara, cada vez mais, com um mundo do trabalho hostil, que retira direitos, fragiliza e terceiriza profissões, fenômeno generalizado no capitalismo mundial, já denominado de "uberização" do trabalho, mas que ganha contornos mais dramáticos no Brasil, devido à histórica desigualdade social e ao aprofundamento da desindustrialização das últimas décadas (SILVA, 2020). Assim, um quadro que

[4] O estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) passou a definir que corresponde a juventude no Brasil toda pessoa que está na faixa etária entre 15 a 29 anos, sendo de 15 a 17 denominados jovens adolescentes, 18 a 24 jovens-jovens e 25 a 29 jovens-adultos.

já era grave tornou-se repentinamente dramático, tornando-se mais urgente conhecer as experiências e estratégias desenvolvidas por jovens atingidos por esses eventos recentes.

O objetivo desse trabalho é dar visibilidade a situações juvenis que nem sempre são levadas em consideração nas ações governamentais destinadas aos jovens, que ainda são pensados prioritariamente como sinônimos de estudantes e, portanto, com questões afeitas unicamente à vida escolar, trazendo os dados quantitativos acerca da pesquisa já mencionada, mas também apresentar algumas falas de tais respondentes sobre as suas dificuldades em conciliar as consequências da Pandemia com os trabalhos aos quais estavam inseridos ou tentando se inserir. Para concluir utilizaremos tais respostas abertas para mostrar quais as principais ou principal resposta dada pelos jovens.

JUVENTUDE E A PRECARIEDADE LABORAL

Para se pensar juventude hoje, é necessário compreender em que sociedade esses jovens vivem, com seus limites e restrições ao exercício de seus direitos ou, em outras palavras sua "condição juvenil". A condição juvenil é o que permeia as dinâmicas de construção das juventudes e suas vivências em determinado tempo histórico. Atualmente, essa condição estaria sendo influenciada por grandes mudanças tecnológicas, inseguranças e incertezas no mundo do trabalho, violências e novas segregações. Pensar "juventudes", no plural, se torna importante para marcar que diversos tipos de vivência e questões podem decorrer nesse período etário da vida, dependendo de fatores como sexo, raça, e principalmente classe (SPOSITO, 2003; NOVAES, 2009; 2020).

> Mudanças sociais geopolíticas e a crise mundial das últimas décadas do século passado aprofundaram um processo de exclusão que recai particularmente sobre a juventude. E como recai? Recai sobre o prometido casamento entre educação e trabalho. Como se sabe, a promessa da moratória social aventava a possibilidade de estudo e emprego estarem num casamento: o tanto que você estudasse determinaria como você iria se colocar no mercado de trabalho. Mas, a partir dos anos de 1980, começa-se a perceber que o estudo não garante o emprego e a ameaça de desemprego dá visibilidade à "questão juvenil", que ganha espaço na "questão social brasileira". A juventude deixa de ser pensada apenas o lugar da rebeldia, ou como parte da projeção de futuro. A "questão juvenil" evoca mudanças no sistema produtivo mundial, na globalização que se acelera, nas novas tecnologias que se impõem, no divórcio entre níveis de estudo e melhores possibilidade de trabalho. Assim, "a juventude" como um tema se redefine tanto como questão acadêmica quanto como uma parte importante questão social (NOVAES, 2020).

Nesse cenário, pensar a dimensão do trabalho na vida dos jovens é de suma importância, pois é um dos aspectos de maior incerteza e ansiedade quanto a sua inserção mais plena no mundo, já que o trabalho é, ao mesmo tempo, condição fundamental de subsistência e fonte de realização pessoal. Curiosamente, a insegurança em relação a se conseguir um emprego e o medo de se ficar desempregado permeia o cotidiano tanto de jovens de estratos sociais médios e altos quanto de jovens de origem

popular, obviamente que com consequências mais dramáticas sobre esses últimos, mas nem por isso ausente como experiências de jovens não-pobres. O "medo de sobrar" – juntamente com medo de morrer e medo de ficar sem conexão – permeia a vida de jovens contemporâneos, atravessando diferenças de renda, raça ou gênero ou demais marcadores de desigualdades, embora vividos com mais intensidade por aqueles pertencentes a grupos mais vulneráveis (NOVAES, 2006).

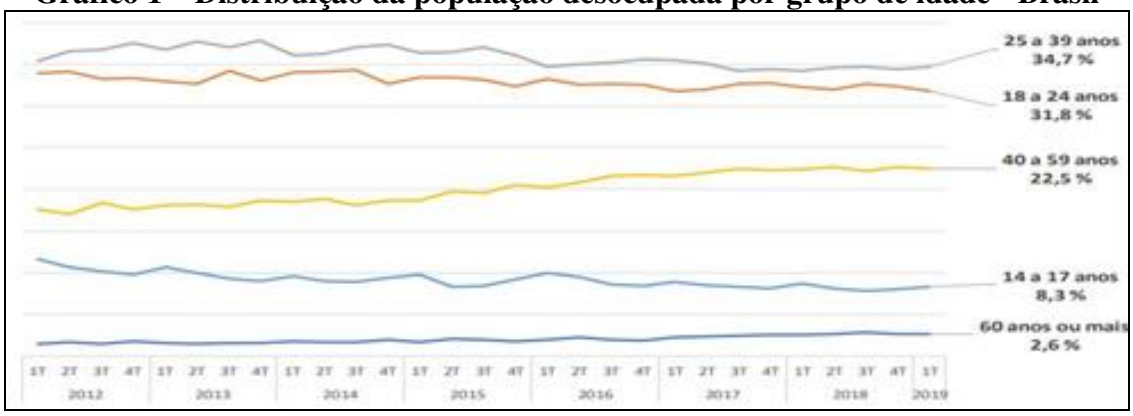
No Brasil, a questão de classe deve ser considerada como um marcador fundamental para análise, frente à enorme desigualdade que marca o país. Nesse cenário, os jovens mais pobres costumam viver mais profundamente as contradições entre trabalhar ou estudar, enquanto os jovens oriundos de famílias de maior poder aquisitivo possuem mais tempo de estudos e de dedicação exclusiva a estes. Historicamente no país, a origem social determina destinos educacionais e laborais muito distintos, muito semelhante à de sociedades arcaicas ou "de castas", nas quais o lugar de nascença delimita claramente limites e possibilidades de ascensão social. Como afirma Novaes (2006), "Jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais". É verdade que a partir dos anos 2000, ocorreu uma significativa diminuição na presença de jovens no mercado de trabalho, também em decorrência da maior dedicação exclusiva aos estudos, mas o trabalho continuou sendo uma questão muito pertinente para os jovens de camadas populares, principalmente para os que se encontravam fora da escola (SPOSITO, 2003).

Corrochano (2014) afirma que os jovens que nasceram na década de 90, chegaram ao mundo em uma década de expansão do ensino médio, porém com grandes instabilidades no mundo do trabalho e fortes incertezas econômicas. Quando mais velhos, em torno dos anos 2000, começam a viver num país com mais oportunidades de trabalho, sobretudo empregos formais. Novamente, o desemprego volta a assombrar os jovens brasileiros, mas o que assombra principalmente é a informalidade, que vem crescendo desde o ano de 2017.

Os dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) primeiro semestre de 2019 já mostravam um aumento de 1,1% na desocupação. Quando comparado os estados, o Rio de Janeiro foi um estado que a desocupação aumentou. No mesmo estado, os números de empregos de carteira assinada diminuíram e o número de empregos por conta própria e sem carteira de trabalho no setor privado aumentaram. O percentual de pessoas trabalhando por conta própria de 2018 era 27,4 e subiu para 27,8 em 2019 (IBGE, 2019).

Quando se analisa a situação de desocupação separadamente por faixa etária, percebe-se que situação dos jovens brasileiros é a mais crítica em relação. No gráfico 1, pode-se notar um número preocupante de desocupados na faixa de 18 a 24 anos no Brasil, que quase alcança a faixa mais larga de 25 a 39 anos.

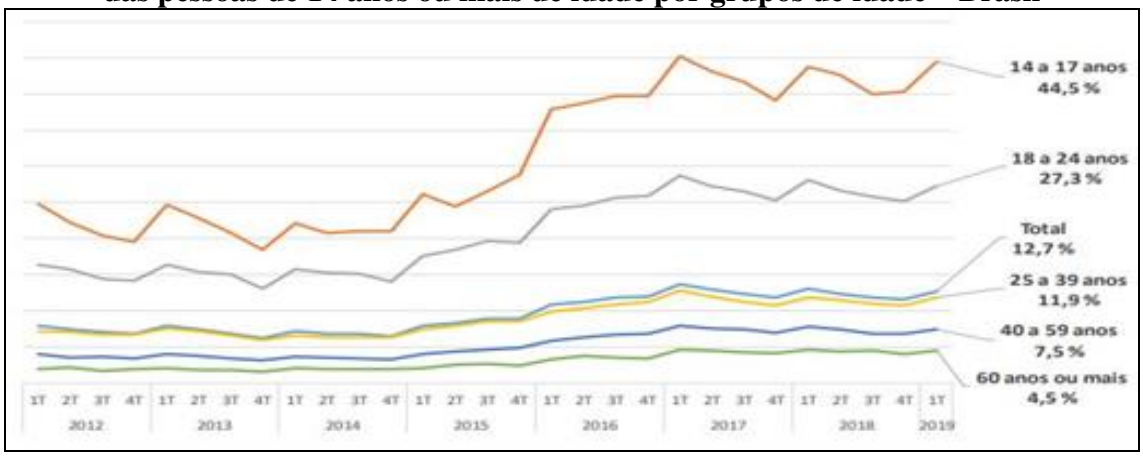
Gráfico 1 – Distribuição da população desocupada por grupo de idade - Brasil



Fonte: IBGE (2019).

Olhando-se os dados da semana específica, essa diferença entre jovens e não-jovens continua igual. No gráfico 2 também se tem o grupo etário de 14 a 17 anos, que está na maior faixa de desocupados. Porém, essa desocupação pode ser justificada por ser esta uma idade em que a maioria dos jovens, principalmente os de classes mais favorecidas, estão exclusivamente se dedicando à conclusão do ensino médio.

Gráfico 2 – Taxa de desocupação, na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade por grupos de idade – Brasil



Fonte: IBGE (2019).

Se, desde 2017, o desemprego juvenil vem crescendo e preocupando os jovens, essa tendência tende a piorar quando se acrescenta o fator de crise econômica mundial, como a atual.

SITUAÇÃO JUVENIL, TRABALHO E AS IMPLICAÇÕES DECORRENTES DA COVID-19

A rede de proteção criada outrora com o pós-segunda Guerra (*Welfare State*) ou pela reivindicação de trabalhadores e trabalhadoras, como o trabalho de carteira assinada e as oito horas de trabalho

conquistadas nos anos 30 no Brasil, hoje perdem suas forças e seu valor dentre de tal sistema. De acordo com Frigotto (2004) o sistema vigente atual, para continuar com seu processo de crescimento, desfaz a proteção social encontrada no século XX para uma era com poucos ou nenhum direito no século XIX. "Estamos vivenciando, portanto, a erosão do trabalho contratado e regulamentado, dominante no século XX, e vendo sua substituição pelas diversas formas de 'empreendedorismo', 'cooperativismo', 'trabalho voluntário' etc." (ANTUNES, 2011, p. 411).

No Brasil, em específico, pode-se se notar um crescente incentivo a uma suposta independência financeira, de patrões e chefes por via do chamado empreendedorismo como uma forma de disfarce da cada vez maior extinção do trabalho com seguridade. Mas o momento histórico-social crítico e marcante vivenciado o ano de 2020 está mostrando que os verdadeiros donos dos meios de produção conseguem permanecer com uma situação estável. Nesse sentido, os jovens de camadas populares são os que mais sofrem com essa situação, pois possuem menos experiências no mercado de trabalho, menos escolaridade e estabilidade financeira:

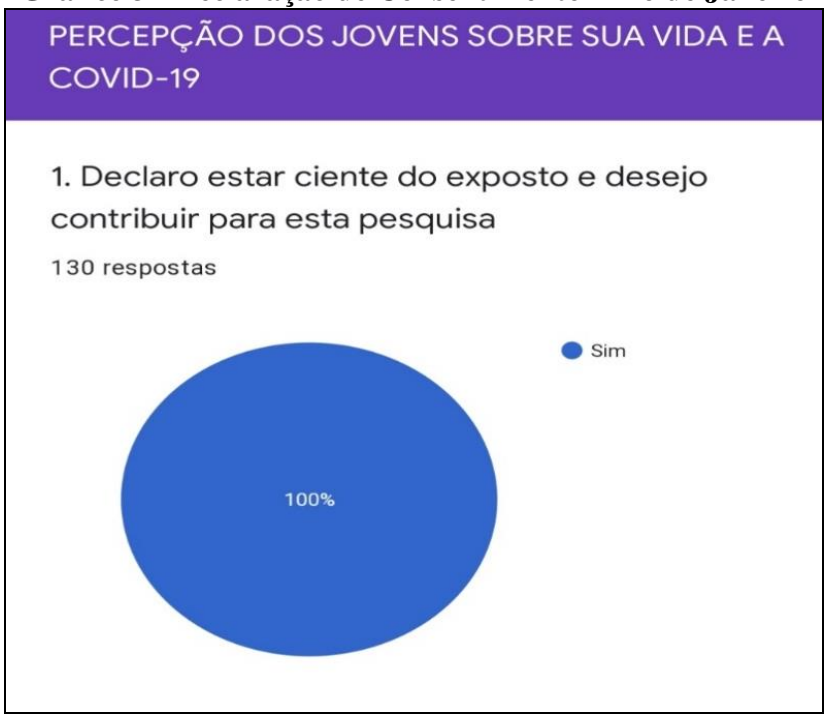
> [...] a juventude com menos suporte econômico, a mais vulnerável, possui menos oportunidades de escolarização, formação, experiências profissionais e estabilidade, gerando assim uma cadeia de inserção em empregos com baixa remuneração, funções menos prestigiadas, informalidade, ou seja, um ciclo de exclusão e/ou precariedade no mercado de trabalho (ALMEIDA PRADO *et* al., 2020 *apud* SILVA, 2011, p. 709-710).

Assim, os que sonharam com uma independência, ou viram na informalidade realmente uma das últimas chances de um sustento, se encontram em situação de desespero por não mais poder realizar suas atividades remuneradas, como poderemos notar em algumas falas dos entrevistados.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Os dados foram coletados a partir de um questionário criado no *Google Forms* pelas autoras desse trabalho, com 19 questões, que foi aplicado entre abril e maio de 2020, com apenas uma questão aberta em que se perguntava sobre a maior dificuldade que o/a jovem estaria enfrentando nesse momento de crise mundial. Quanto a questão de direitos de publicação dos dados, salientamos que 100% dos jovens que responderam ao questionário online aceitaram os termos de exposição dos dados, colocado como primeira questão. Como pode-se conferir no gráfico 3:

Gráfico 3 - Declaração de Consentimento - Rio de Janeiro

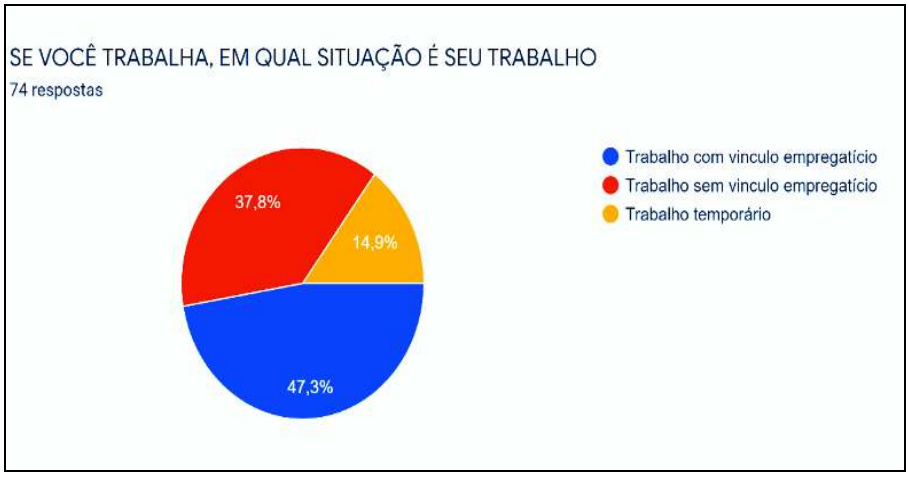


Fonte: Elaboração própria.

A metodologia utilizada foi feita uma aproximação com técnicas de Replicabilidade, também conhecida como a técnica da "Bola de Neve", na qual as perguntas foram respondidas por pessoas próximas as autoras, que também enviaram o questionário a outras que se encaixaram dentro do padrão proposto.

Tanto a questão da situação de trabalho quanto a questão referente a situação de educação dos jovens eram questões que dependiam da condição deles e por isso eram facultativas. Desse modo, o questionário obteve 74 respostas, com 35 dos respondentes estando com trabalhos com vínculo empregatício, o que correspondia a 47,3% das respostas. Já os jovens que não possuíam trabalho com vínculo empregatício eram 28 dos respondentes e 11 estavam com trabalhos temporários.

Gráfico 4 – Situação de Trabalho – Rio de Janeiro



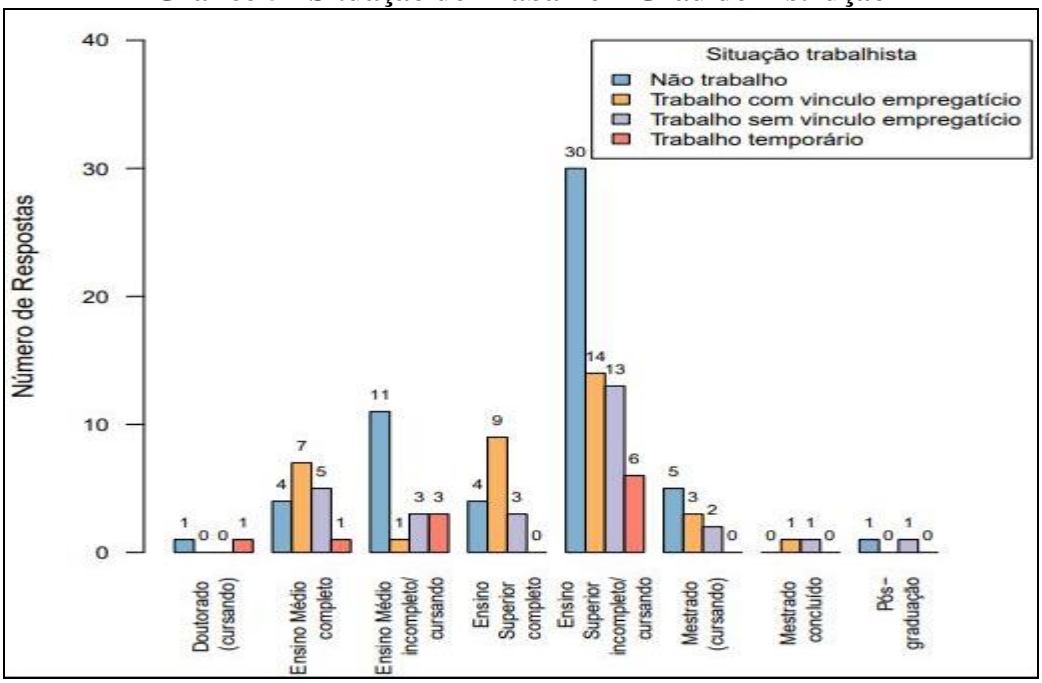
Fonte: Elaboração própria.

Menos da metade dos jovens respondentes estavam com trabalho formal, sendo a maioria trabalhadores informais ou temporários. Os dados da PNAD, apresentados anteriormente, mostram que a realidade da juventude brasileira segue esse padrão. Assim, pode-se afirmar que quando se trata de trabalho, a juventude segue em desvantagem, pois é nesse grupo em que mais se encontra problemas de inserção no mundo do trabalho, fazendo com que os jovens procurem remuneração em outros tipos de emprego.

> [...] o exército de reserva está acima da capacidade de gerência pelo sistema capitalista, isto é, existem mais pessoas buscando trabalho que ofertas de vagas que atendam plenamente estas pessoas. Diante esta crise no mundo do trabalho, os jovens, pelas exigências de experiência e conhecimentos específicos, não conseguem a primeira oportunidade, ficando marginalizados do direito ao trabalho e a renda. Sob esta assertiva, forma-se a hipótese de o trabalho se configura em um direito em competição e não uma garantia constitucional, violando a proteção de milhões de jovens (SILVA; LEHFELD, 2019, p. 2).

A seguir é apresentado o gráfico 5 que cruza a situação trabalhista que os jovens respondentes se encontravam com o grau de instrução. Pode-se notar que o grau de instrução não faz uma diferença muito grande em relação a estar ou não com trabalho com vínculo empregatício, assim como muitos respondentes estão com trabalhos temporários e sem vínculo e possuem nível superior ou estão na pós-graduação.

Gráfico 5 - Situação de Trabalho x Grau de Instrução



Fonte: Elaboração própria.

Apenas no ensino médio incompleto ou cursando que o trabalho com vínculo é menor que as modalidades com vínculo e temporário, o que talvez se justifique pela falta de experiência por ser muito jovem para conseguir um emprego formal ou pela incompletude do ensino médio atrapalhar na aquisição de um melhor emprego, já que atualmente a conclusão da educação básica é requerida em todos os empregos formais.

Como aponta o Estatuto da Juventude (2013), todo Jovem possui o direito tanto à profissionalização quanto ao trabalho e uma renda digna, exercendo esse direito em segurança e proteção social. Pensando nisso, foi desejável saber se os jovens estavam sendo amparados por esse direito, perguntando-os qual era a maior dificuldade em relação ao atual momento e separando as respostas que colocavam o trabalho como maior dificuldade do momento, em que o isolamento social necessário devido a pandemia colocou em cheque vários tipos de emprego. Isso se concretizou a partir de diversas respostas sobre essa questão, em que jovens responderam que a sua principal dificuldade era a relação com o trabalho durante a quarentena. Das 74 pessoas que responderam que trabalhavam, 28 respondentes trabalhavam sem vínculo empregatício e 11 deles assinalaram que estavam em trabalhos temporários, deixando assim apenas 35 dos entrevistados em condição de trabalho com vínculo empregatício.

A seguir, pode-se encontrar o quadro 1 com as respostas da única pergunta aberta do questionário, tabela esta que foi feita a partir da seleção das respostas que traziam o tema do trabalho como núcleo principal da questão e a partir dessas respostas coloca-se as questões a serem pensadas sobre a situação

vigente. As respostas foram mantidas da forma que os entrevistados escreveram, mesmo que escritas de forma informal/coloquial. Selecionamos as falas de 12 respondentes mediante a sua situação de trabalho sem vínculo empregatício. Essa seleção se deu mediante as respostas abertas terem relação com questões individuais relacionadas de alguma forma ao tema trabalho.

Quadro 1 - Qual tem sido a sua maior dificuldade na quarentena?

SEXO	IDADE	RAÇA	MORADIA	ESCOLARIDADE	SITUAÇÃO	RESPOSTA ABERTA
F	24 anos	Branco	São João de Meriti – Baixada Fluminense	Mestrado (cursando)	Trabalha sem vínculo/ Camora	Manter meu equilíbrio emocional sabendo que meu pai está desempregado, eu posso perder minha bolsa, o salário da minha mãe pode ser cortado, e temos uma criança de 9 anos em casa. Eu já passei dificuldade antes, mas queria que meu irmão fosse poupado.
F	18 anos	Preto	Rio de Janeiro – Anchieta	Ensino Médio Incompleto (cursando)	Trabalha sem vínculo/ Vendedora em uma doceria.	Estudar. Pois eu não consigo me concentrar e tenho muito mais trabalho do que normalmente então quase não consigo tempo para estudar.
M	26 anos	Preto	São João de Meriti – Baixada Fluminense	Ensino Médio Completo	Trabalha sem Vinculo/ Mecânica e Elétrica industrial	Não está trabalhando, pois, trabalho como autônomo e isso tem dificultado a renda familiar. E isso me preocupa muito, pois, tenho um pai idoso e cadeirante e isso tem me causado ansiedade e aflição. A maioria das pessoas não respeitam a quarentena e isso só vai piorando e demorando mais para se resolver.
F	20 anos	Branco	Rio de Janeiro – Flamengo	Ensino Superior Incompleto - Cursando	Trabalha sem vínculo/não informado	Meu rendimento/produtividade. Meu relógio biológico está completamente alterado. Me sinto cansada e desconcentrada o tempo todo.
F	22 anos	Pardo	Rio de Janeiro – Centro	Ensino Superior Incompleto - Cursando	Trabalha sem vínculo/Construção Civil	Não poder ver meu pai e minha mãe ter voltado a trabalhar. Fico triste e impotente mas tento fazer o meu melhor para cumprir o isolamento.
F	27 anos	Pardo	Nova Iguaçu – Baixada Fluminense	Ensino Médio Completo	Trabalha sem vínculo/ Sou Manicure Nail Design, MEI.	Trabalhar, pois como lido com pessoas, NN tenho tido como atender minhas clientes, oq tá salvando as contas e a comida na mesa é o auxílio, a situação é bem complicada!
F	24 anos	Branco	Rio de Janeiro – Barra da Tijuca	Ensino Superior Incompleto - Cursando	Trabalha sem vínculo/não informado	Estar distante de familiares e amigos e privada de continuar meu estágio e estudos. A quarentena ressaltou a importância dos laços sociais na vida do ser humano pois, como diz o ditado, é perdendo que damos mais valor. Ao sermos aconselhados a obedecermos o isolamento social, percebemos o impacto da ausência do convívio cotidiano na nossa vida.
F	23 anos	Preto	Duque de Caxias – Baixada Fluminense	Ensino Superior Incompleto - Cursando	Trabalha sem vínculo/Maquiadora	Conseguir clientes. Por trabalhar com maquiagem , como não é um servo essencial, não posso ter clientes então presto consultoria pela internet. Mas tem sido difícil pois muitos dos prováveis clientes estão sem renda.
F	22 anos	Branco	Nova Iguaçu – Baixada Fluminense	Ensino Médio Completo	Trabalha sem vínculo/Autônoma	Não poder avançar com meus projetos
F	25 anos	Pardo	São João de Meriti – Baixada Fluminense	Ensino Médio Incompleto - Cursando	Trabalha sem vínculo/ Manicure	Ficar sem trabalhar pois retiraram as horas extras do meu esposo, pagamos aluguel e agora estamos apertados. Esperando por um auxílio que nem sabemos se será aprovado ou não. Ficamos a mercê de um governo falho que não consegue cumprir com êxito as próprias propostas . Infelizmente está difícil viver em quarentena pois NN sabemos até quando isso vai durar.
M	25 anos	Pardo	Rio de Janeiro – Rocinha	Mestrado Concluído	Trabalha sem vínculo/Dentista	Ler artigos e adiantar minha vida acadêmica. Não consigo manter a concentração e ter força de vontade para estudar e tocar meu projeto de doutorado.
F	27 anos	Pardo	Mesquita – Baixada Fluminense	Ensino Superior Completo	Trabalha sem vínculo/ Sou autônoma. Presto serviço de edição de livros (diagramação, capa, etc) e sou professora particular (de Autocad)	Não poder ter contato físico com outras pessoas da família, estar incerta quanto de dinheiro eu e meu marido colocaremos em casa (ele é dentista e ganha por paciente, e nessa quarentena diminuiu bastante) e se conseguiremos pagar as dívidas. Não poder ir para faculdade (estou cursando outra graduação e nem mesmo aulas onlines está tendo), não está em minhas aulas de dança de Contemporânea (até tem online, mas não tem espaço na minha casa para fazer). Preocupada com o aluguel do apartamento que moro (talvez, tenhamos que buscar outro lugar em meio a essa quarentena), preocupada se terei condições de manter o nível de vida das minhas duas gatas (elas são bem mimadas, comem a melhor ração, sachê, areia de sílica). Preocupada se conseguirei visitar a minha vó e ela se lembrará de mim (tem alzeirm e está bem idosa). Preocupada pois sei que alguns parentes da família não estão respeitando a quarentena. Preocupada se meu marido vai ser convocada para trabalhar em hospital. Preocupada por que sou do grupo de risco (bronquite).

Fonte: Elaboração própria (2020).

Várias questões podem ser encontradas nas falas desses jovens, tanto as criadas com a pandemia, como preocupação com familiares ou si próprio em grupo de risco e o não respeito das pessoas à quarentena, quanto as já existentes que se acentuam ainda mais em épocas de crise, como o trabalho, foco deste artigo, e a ansiedade ou doenças psicológicas.

Algo interessante a ser notado na tabela acima é que os respondentes pertencentes ao grupo de idade jovem-adulto (25 a 29 anos) citam quase exclusivamente que a dificuldade está sendo com o trabalho. Em algumas respostas, podemos ver grande preocupação com a falta de sustento, e preocupações com contas inadiáveis, como aluguel. Uma hipótese a ser colocada para essa questão é que esse grupo juvenil em sua maioria não estuda mais, dedicando-se unicamente ao labor. Além disso, a probabilidade desses jovens já terem formado família e terem filhos é maior, o que gera uma maior aflição quando se está desempregado ou impossibilitado de trabalhar.

Assim, observando as respostas em geral, pode-se dar ênfase aos dados dos últimos anos e as pesquisas realizadas sobre juventude e trabalho (Juventude Pan-americana, 2002; Agenda Juventude Brasil, 2013; Jovens Fora de Série, 2015) em que se traz a complexa relação atual vivida entre jovens e o mundo do trabalho. Tudo indica que as consequências desse momento terão um grande impacto na vida social, principalmente na dos jovens, pois estão sendo marcados pela ansiedade e incertezas que produzem um mal-estar coletivo.

Quando uma das respondentes coloca que não consegue manter a concentração e ter forças para estudar, tem uma forte relação com a pressão constante de trabalho e produtividade que a condição atual os jovens os fazem vivenciam. Nesse aspecto, é importante colocar que a maioria dos jovens respondentes colocaram problemas como saúde mental, ansiedade e depressão como maiores dificuldades nessa quarentena.

Quanto ao tipo de trabalho exercido por esses jovens, podemos perceber que há uma tendência a empregos precários ou de baixa renda. Nas respostas dos jovens, encontra-se empregos como manicure, motorista de aplicativo, design de sobrancelhas, entregador de correspondência bancária, entregador de sacolão, barbeiro, entregador de aplicativo, pedreiro.

Jovens inseridos dentro de um contexto de trabalhos informais ou temporários, ainda assim estão sujeitos a essa moral social de que o trabalho é aquilo que faz com que eles sejam dignos. É essa moral que faz com que muitos deles se dispersem de seus "sonhos" ou "talentos", para ter uma "vida de adultos". Salientamos que a juventude é um momento de mudanças constantes e o ideal era que todos os jovens tivessem o direito de poder exercer suas vontades independentemente de questões sociais, como gênero, classe, raça e território.

> É comum ouvirmos a expressão "o trabalho dignifica o homem", para inferir que a construção de um caráter digno, idôneo, íntegro, moralmente aceito se constitui por meio do acesso e permanência no trabalho. Esta assertiva empírica e histórica é discutível, considerando o contínuo desmonte da proteção ao trabalho e sua constante precarização, que atinge todas as pessoas, desde os mais jovens até os mais velhos, incluindo ainda aqueles que buscam a primeira oportunidade ou que já se aposentaram. O trabalho precarizado não dignifica nenhuma pessoa, ao contrário, expropria os sentidos humanos das pessoas, as alienam em seus espaços de sociabilidade, obstruí qualquer capacidade de reflexão crítica, as aprisiona em trabalhos sem perspectivas de crescimento, as adoece e ainda viola o direito à vida, seja por acidentes de trabalho, seja pelo suicídio (SILVA; LEHFELD, 2019, p. 8).

Jovens inseridos dentro de um contexto de trabalhos informais ou temporários, ainda assim estão sujeitos a essa moral social de que o trabalho é aquilo que faz com que eles sejam dignos. É essa moral que faz com que muitos deles se dispersem de seus "sonhos" ou "talentos", para ter uma "vida de adultos". Salientamos que a juventude é um momento de mudanças constantes e o ideal era que todos os jovens tivessem o direito de poder exercer suas vontades independentemente de questões sociais, como gênero, classe, raça e território.

Auxílio emergencial

Encare-se como de suma importância pensar no papel que o auxílio emergencial está exercendo para que as pessoas consigam se manter enquanto não podem exercer suas atividades que geram remuneração, então, quanto ao auxilio emergencial, perguntou-se se os jovens ou alguém dentro do grupo familiar deles havia o requisitado. Do total de jovens respondentes, 40 deles responderam que eles ou alguém que mora com eles conseguiu receber o auxílio, representando 30,8% dos respondentes SIM como demonstra o gráfico 6, enquanto 26 deles responderam que estava em análise, o que corresponde a 20%.

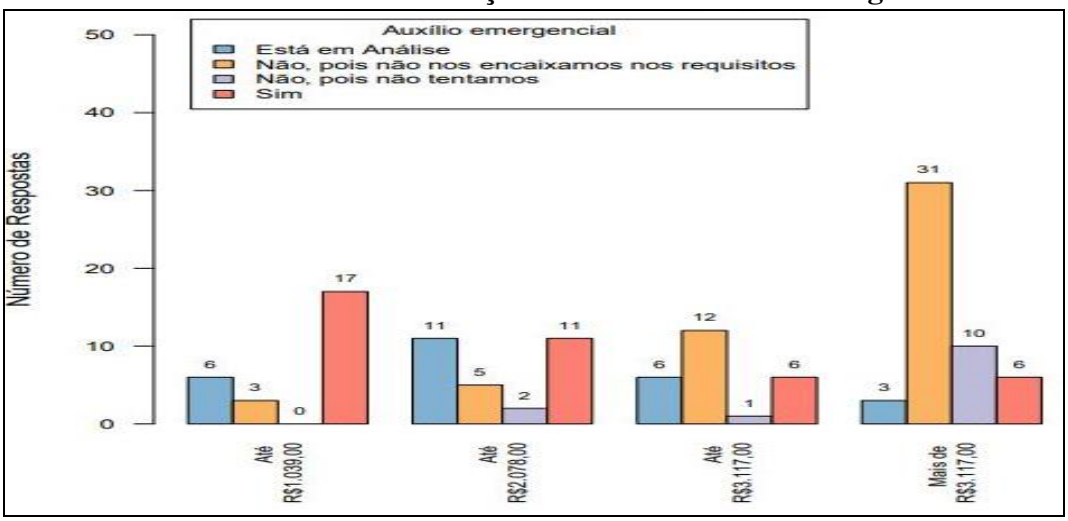
Gráfico 6 - Você ou alguém que mora com você conseguiu receber o Auxílio Emergencial?



Fonte: Elaboração própria (2020).

Ao mesmo tempo, quando cruzamos os dados, percebemos que 20 dos jovens que não realizavam trabalhos com vínculo empregatício não requisitaram esse auxílio, mesmo estando em um dos pré-requisitos para acessar ao benefício, utilizando a resposta de que não se encaixavam. O que foi identificado é que esses jovens possuem uma renda alta em relação aos que pediram o benefício, quando se contabiliza os ganhos do restante de suas famílias.

Gráfico 7 - Renda x Solicitação ou Não do Auxílio Emergencial

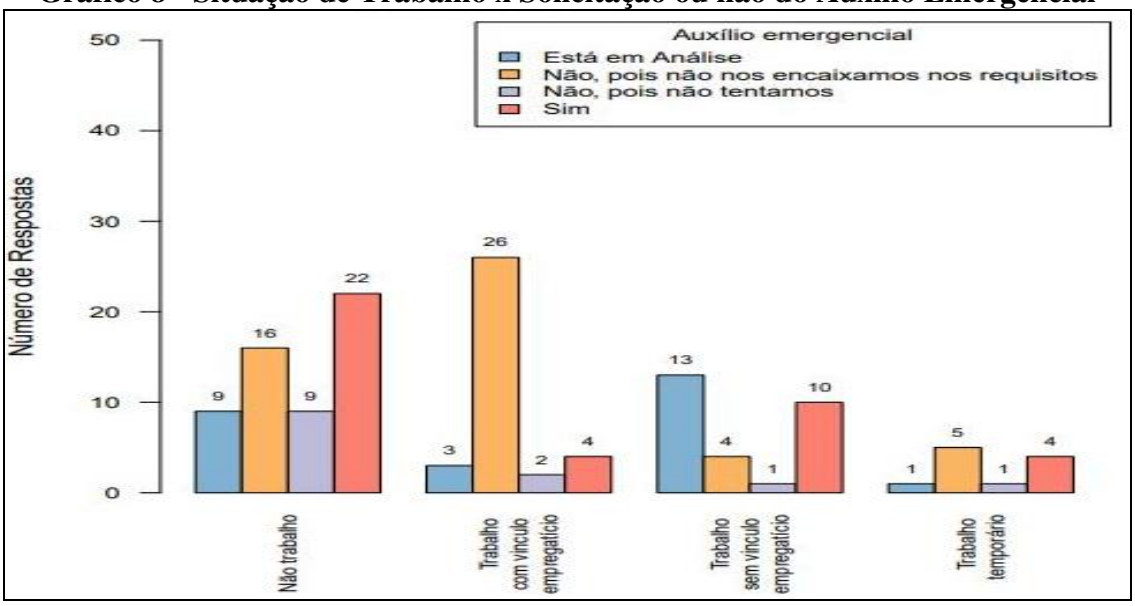


Fonte: Elaboração própria (2020).

Na análise cruzada abaixo, pode-se observar a relação entre situação de trabalho em que os respondentes se encontravam e se solicitou ou não o auxílio emergencial. Quando é observado a opção trabalho sem vínculo empregatício o número de solicitantes do auxílio (estando em análise) e quem já

tinha conseguido é muito maior do que quem não solicitou, o não é de surpreender, pensando no que já foi colocado sobre a situação desses trabalhadores.

Gráfico 8 - Situação de Trabalho x Solicitação ou não do Auxílio Emergencial



Fonte: Elaboração própria (2020).

Duas falas merecem ser recolocadas nesse tópico, pois representam o quão importante e necessária essa medida é para um momento que se arriscar para trabalhar é arriscar a vida do indivíduo e de seus próximos.

> Ficar sem trabalhar pois retiraram as horas extras do meu esposo, pagamos aluguel e agora estamos apertados. Esperando por um auxílio que nem sabemos se sera aprovado ou não. Ficamos a mercê de um governo falho que não consegue cumprir com êxito as próprias propostas. Infelizmente está difícil viver em quarentena pois NN sabemos até quando isso vai durar (mulher, 25 anos, parda, manicure).
>
> [...]
>
> Trabalhar, pois como lido com pessoas, NN tenho tido como atender minhas clientes, oq tá salvando as contas e a comida na mesa é o auxílio, a situação é bem complicada! (Mulher, 27 anos, parda, manicure).

Esses dois relatos mostram que a política criada é primordial por duas óticas: a de quem conseguiu e a de quem ainda aguarda. Na primeira fala, nota-se a aflição de uma pessoa que se encontra aguardando pelo auxílio por ter perdido parte da renda familiar, na outra, nota-se uma que apresenta o auxílio emergencial como "salvador" por não ter como dar continuidade na atividade remunerada. Talvez seja coincidência as duas pessoas que citaram o auxílio sejam manicures, mas não é coincidência que ambas que estejam precisando deste suporte e o citem nas respostas exerçam um trabalho não

valorizado socialmente e mal remunerado, que exige muitas horas semanais de trabalho e clientes a disposição, o que não é possível numa situação em que o contato físico é terminantemente proibido.

Além disso, a primeira fala traz consigo uma crítica que não pode passar desapercebida: como o governo federal vem tratando dessa crise. É importante ressaltar que a proposta inicial do governo era de R$ 200,00 e que depois de decidir por R$ 600,00, ainda houve uma demora para liberação e agora existe a dificuldade de pessoas que precisam mais ainda não foram aceitas. Essa falta de organização política contribui ainda mais para desesperança e ansiedade dos jovens. Como nos trouxe Helena Abramo (2020), as dificuldades da pandemia e a falta de articulação e organização do governo em criar melhores formas de combate-la, tanto na saúde quanto no social, tem mostrado que população sofre com a falta de amparo do Estado: pessoas da periferia que não tem condições de fazer um bom isolamento social devido a situação das casas e principalmente os "trabalhadores precários e sem proteção, e sem um programa de renda efetivo, não podem deixar de trabalhar e circular nos transportes públicos lotados das grandes cidades"(ABRAMO, 2020, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da instituição do ideal empreendedor, o ser humano se acredita em dono de si mesmo, passando a fomentar a ideia de que ele é o único responsável pelo seu sucesso, que viria pelo seu esforço e sua criatividade. Essa ideia começa a ser vendida principalmente a jovens de classes populares, que seriam potencias latente por falta de oportunidade, que cursos e oportunidades facilitadas de ser dono do próprio negócio, como os chamados Microempreendedores Individuais (MEI). Esse tipo de trabalho começa a ser difundido como possibilidade de consumo e inclusão, que nas décadas anteriores era fornecida pela possibilidade de trabalho assalariado (VELAZCO; TOMMASI, 2013, p. 41).

Porém, essa ideia de ser dono do seu próprio negócio e a não necessidade de vínculos empregatícios sólidos vem se mostrando falha da pior forma possível na atual conjuntura de crise sanitária mundial. A necessidade da ação do Estado é entendida como primordial para tentar diminuir o impacto da falta de renda que viria com a Pandemia. Nesse contexto, o trabalho visou apresentar como vem se dando esse impacto na vida dos jovens, grupo social que mais se encontra desempregado e na informalidade.

Antes, os jovens tinham oportunidades de planejamento de futuro; e, até mesmo os jovens filhos de trabalhadores poderiam almejar ter uma situação financeira melhor que a de deus pais. Hoje, as incertezas dentro do mundo do trabalho geram uma insegurança em todos os jovens. Logo, uma crise que afete as perspectivas de conquistas, mudanças, e liberdade financeira e ainda acentua as

desigualdades sociais e incertezas na população afetará principalmente os jovens, por estarem vivendo esse tempo presente, refletindo assim os efeitos da crise na sociedade, pois a juventude é como um espelho que reflete o que ocorre de positivo e negativo no âmbito social. Não à toa esse grupo se encontra mais na informalidade, a questão trabalhista do momento, do que os outros grupos (NOVAES, 2007).

É importante colocar também que o casamento antes feito entre o trabalho e aquilo que o jovem estudou hoje já não se faz tão próximo. Muitos jovens que antes conseguiam trabalhar naquilo que estavam estudando, ainda não necessariamente estão trabalhando naquilo em que estudaram. Apesar de toda a ampliação ocorrida dentro do contexto estudantil, não há uma garantia de que os jovens consigam se inserir dentro de um trabalho formal, sendo obrigados a se encaixar em trabalhos informais (NOVAES, 2020).

Não é cabível arriscar previsões num mundo social tão complexo como o de hoje. Porém, parece notório que nos próximos anos, com a recessão global e local produzidas pela pandemia da Covid-19, a sociedade será amplamente atingida com o desemprego, e no caso do Brasil, com o desemprego e uma grande possibilidade de falta de investimentos sociais pelo caminhar das políticas econômicas do atual governo, um brasil que, cada vez mais, principalmente depois da reforma trabalhista de 2017, *"cresce um expressivo e heterogêneo contingente de trabalhadores, em grande parte jovem, submetido às mais diversas formas de precarização"* (ANTUNES; PRAUN, 2019). Essa situação acarretará consequências fortes aos jovens, principalmente aqueles em busca do primeiro emprego. Olhando para essa situação, o ciclo de informalidades parece ainda distante de acabar.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. "Jovens da periferia no centro da cena política". **Teoria e Debate**, edição 197, julho, 2020. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2020/06/12/jovens-da-periferia-no-centro-da-cena-politica/>. Acesso em: 29/07/2020.

ABRAMOVAY, M. *et al*. "Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina". **Vulnerabilidade Social**, vol. 192, 2002.

ANTUNES, R. "Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?" **Serviço Social & Sociedade**, n. 107, 2011.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. "A aposta nos escombros: reforma trabalhista e previdenciária: a dupla face de um mesmo projeto". **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, vol. 2, n. 1, 2019.

CARRANO, P. C. R.; MARINHO, A. C.; OLIVEIRA, V. N. M. "Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio". **Educação e Pesquisa**, vol. 41, n. especial, 2005.

FERREIRA, M. D. P. "Juventude: do que se trata?" **Webnar "A construção social da infância, juventude e da família"** [01/07/2020]. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em 20/07/2020.

GAMA NETO, R. B. "Impactos da covid-19 sobre a economia mundial". **Revista Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Mercado de Trabalho Brasileiro". **Agência de Notícias IBGE** [16/05/2019]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br> Acesso em 31/07/2020.

MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J. L.; BOMFIM, H. F. "Covid-19 nas favelas e periferias brasileiras". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020.

NOVAES, R. "Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias". *In*: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.) **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2006.

NOVAES, R. "Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas". *In*: VANNUCHI, P.; NOVAES, R. (orgs.). **Juventude e Sociedade -** Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Ramos, 2004.

NOVAES, R. "Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas". **Revista Sociologia Especial Ciência e Vida**, outubro, 2007.

NOVAES, R. "Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos". Juventude, juventudes. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 25, Diecembre, 2009.

NOVAES, R. "Live PRAE: Políticas Públicas no Campo da Educação Superior 2". **Canal da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis- UNIRIO no Youtube** [2020]. Disponível em: <https://youtu.be/2nvDxAm3CSA>. Acesso em 21/06/2020.

PINHEIRO, D. *et al*. **Agenda Juventude Brasil**: leituras sobre uma década de mudanças". Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

PRADO, A. C. S. A., SILVA, C. R., SILVESTRINI, M. S. "Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal". **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, vol. 28, n. 2, 2020.

REUTERS. "Economia global já está em recessão com devastação do coronavírus, aponta pesquisa". **G1** [20/03/2020]. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/20/economia-global-ja-esta-em-recessao-com-devastacao-do-coronavirus-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 31/08/2020.

SENHORAS, E. M. "Novo Coronavírus e seus impactos econômicos no mundo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020.

SILVA, A. P.; LEHFELD, N. A. S. "Trabalho e juventude no contexto contemporâneo". **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, vol. 43, 2019.

SILVA, P. H. I. "O mundo do trabalho e a pandemia de covid-19: um olhar sobre o setor informal". **Caderno de Administração**, vol. 28, junho, 2020.

SPOSITO, M. P. “Os jovens no Brasil, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas”. **Ação Educativa**, vol. 1, 2003.

TOMMASI, L.; VELAZCO, D. “A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, 2013.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 9| Boa Vista |2020

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima